HISTÓRIA EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU: A DECADÊNCIA SEM VOLTA

Priscila de Oliveira Silva[1]

Luciano da Silva Façanha[2]

Resumo: Desde o *Discurso sobre as ciências e as artes*, Rousseau nos aponta para uma história das sociedades, quando responde negativamente a pergunta da Academia de Dijon se o restabelecimento das ciências e das artes teria contribuído para o aprimoramento moral. No *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, o filósofo aborda a história da humanidade como uma história de decadência e degeneração, da qual é impossível retornar à natureza de origem. A corrupção das sociedades pode ser retardada, mas jamais revertida. Dito de outra maneira, Rousseau apresenta uma concepção linear da história, e o objetivo deste trabalho é apresentá-la à luz da interpretação de Maria das Graças de Souza.
Palavras-chave: história – sociedade – decadência.

A noção de história em Jean-Jacques Rousseau não poderia ser diferente do tom pessimista e condenatório que está presente em suas obras: a história de uma sociedade degenerada e corrompida. O filósofo genebrino distingue o homem primitivo do estado natural que vive em si mesmo, e o homem civilizado da sociedade civil que vive fora de si, pois está sempre considerando a opinião do outro. O homem da segunda descrição é o que descreve tão bem o do Século das Luzes, segundo Rousseau. Resta-nos agora entender qual o percurso da história da humanidade juntamente com essas duas noções de homem.

Maria das Graças de Souza em seu livro *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês* dedica um capítulo, intitulado *História e declínio em Rousseau*, para verificar que tipo de história Rousseau aponta que seja a da humanidade. Ora, se a história da humanidade começa como história da inocência e se desenvolve como a história da queda, estaríamos condenados, indubitavelmente, à degeneração, ou, num momento de esperança, encontraríamos a redenção? Ou ainda, voltaríamos à origem? Para responder tais questões, é preciso refazer o próprio percurso histórico que Rousseau traçou.

É no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* que Rousseau situa o homem nas duas situações. Logo no início do *Segundo Discurso*, Rousseau anuncia que não tratará de verdades históricas, mas sim de raciocínios hipotéticos e condicionais para

---

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult) – Mestrado Interdisciplinar da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Graduada em Filosofia. Conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA/CAPES) para o desenvolvimento de sua pesquisa. *E-mail*: prih.o@hotmail.com.

[2] Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. *E-mail*: lucianosfacanha@hotmail.com.

mostrar as coisas em seu estado natural, recurso utilizado por ele no qual podemos comparar os dois estados, e percebermos o quão longe estamos de nossa natureza, ao caminharmos em direção oposta a ela.

Sendo assim, temos, inicialmente, os homens selvagens, livres e inocentes que viviam dispersos, voltavam-se somente às verdadeiras necessidades, cuja Natureza era suficiente para atendê-las. Os únicos instrumentos que utilizavam eram seus próprios corpos, que, expostos às tempestades, mudanças de estações e outras forças que a Natureza produz, eram resistentes e preparados para enfrentar a situação mais difícil possível. Os homens civilizados, ao contrário, possuidores de tantos utensílios que tornavam suas vidas mais sofisticadas, eram imensuravelmente mais fracos. Comparando o homem selvagem e o homem civilizado, Rousseau questiona qual estado é mais vantajoso:

> Se tivesse um machado, seu punho romperia galhos tão resistentes? Se tivesse uma funda, lançaria com a mão, com tanto vigor, uma pedra? Se possuísse uma escada, subiria a uma árvore tão ligeiramente? Se tivesse um cavalo, seria tão veloz na corrida? Dai ao homem civilizado o tempo de reunir todas essas máquinas à sua volta; não se poderá duvidar que, com isso, sobrepasse, com facilidade, o homem selvagem. Se quiserdes, porém, ver um combate mais desigual ainda, deixa-os nus e desarmados uns defronte dos outros, e logo reconhecereis qual a vantagem de sempre ter todas as forças à disposição (...).[3]

O estado no qual os homens se encontram nesse momento é o de pura inocência, vivendo dispersos na natureza, não há dependência mútua entre eles, havendo apenas a comparação em relação aos animais, pois "verificando que mais os ultrapassa em habilidade do que eles o sobrepujam pela força, aprende a não mais temê-los."[4] É nesse estado também que esses "primeiros homens" têm quase como única preocupação a própria conservação e suas faculdades deverão ser exercitadas principalmente para esse fim, "seja o ataque e a defesa, quer para subjugar a presa, quer para defender-se de tornar-se a de um outro animal."[5]

Até aqui, como observa Rousseau, o homem foi analisado em seu aspecto físico. É preciso agora considerá-lo numa perspectiva metafísica e moral para compreendermos em que sentido, mais uma vez, Rousseau julga a passagem do homem selvagem ao da sociedade, e como isso traz consequência em sua concepção de história.

Ao contrário do animal que não pode desviar-se do que a Natureza lhe impõe como regra, o homem, que é um agente livre, por um ato de liberdade, concorda ou vai para o caminho inverso do que a Natureza lhe dita. Aliás, há uma qualidade muito específica e

---

[3] ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 239.
[4] ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 239.
[5] ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 242.

fundamental que distingue o homem do animal e é em grande parte responsável da trajetória humana rumo à decadência: é a faculdade de aperfeiçoar-se. Conforme Rousseau:

> Seria triste, para nós, vermo-nos forçados a convir que seja essa faculdade, distintiva e quase ilimitada, a fonte de todos os males dos homens; que seja ela que, com o tempo, o tira dessa condição original na qual passaria dias tranquilos e inocentes; que seja ela que, fazendo com que através dos séculos desabrochem suas luzes e erros, seus vícios e virtudes, o torna com o tempo o tirano de si mesmo e da natureza.[6]

Como observa Souza, a ideia de perfectibilidade é um processo de desnaturação:

> É preciso assinalar, em primeiro lugar, que a noção de perfectibilidade, componente inegável da ideia de progresso, tem um papel fundamental na antropologia de Rousseau. 'Qualidade muito específica', 'faculdade muito ilimitada', ela distingue o homem do animal, e, com a intervenção das circunstâncias, desenvolve sucessivamente as outras faculdades. Este processo de aperfeiçoamento é um processo de desnaturação. Para compreendê-lo, é preciso atentar para o tempo com a sua 'lenta sucessão das coisas', na qual a ação de pequenas causas, agindo sem cessar, produzirá as grandes revoluções. Assim, diz Rousseau no *Segundo Discurso*, para compreender melhor a história dos homens, 'é preciso seguir o progresso dos tempos e das coisas', estudar, 'no progresso das coisas as ligações escondidas que o vulgo não percebe'.[7]

Como bem percebe a autora, a ideia dessa continuidade histórica serve, para Rousseau, não para afirmar o progresso da humanidade, mas para criticá-la. O pessimismo sobre o "progresso" da humanidade se dá em dois sentidos. Em primeiro lugar, podemos considerar que o homem progrediu ao dormir em cabanas se protegendo das intempéries da natureza. Porém, esse progresso também significa fraqueza, pois, se antes os homens viviam em comunhão com a natureza, ao ponto de adaptarem-se às circunstâncias mais perigosas, ao tentar desviá-las de si, menos as suportarás.

Esse "anti-progresso" não consiste apenas no aspecto material, mas sobretudo nas relações sociais. Se, antes, a primeira preocupação do homem era apenas com sua própria conservação, e a Natureza era suficiente para satisfazer todas as suas necessidades (como dormir, comer, relações sexuais), não existia dependência mútua entre os homens. Mas, à medida que o gênero humano cresceu, e "anos estéreis, invernos longos e rudes, verões

---

[6] ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 243.

[7] SOUZA, *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*, p. 77.

escaldantes, que tudo consomem, exigiram deles uma nova indústria"[8], os homens começaram a compararem-se entre si, causando uma espécie de reflexão de quem era mais forte ou fraco, mais lento ou rápido, mais ousado ou medroso.

Souza ressalta que ao deixar a vida solitária e nômade nas florestas pela vida familiar, o homem passou a experimentar sentimentos de ternura, paternais e maternais, e o amor conjugal. Além disso, a divisão de trabalho trouxe uma relação de dependência que antes os homens não haviam experimentado, "o ferreiro precisa do agricultor, o agricultor do pastor. Ninguém é mais auto-suficiente."[9]

Dessa nova configuração de convivência desenvolvem-se novos progressos, como o estabelecimento das famílias, tornando-se pequenas sociedades, a formação de um idioma comum, as ideias de mérito e de beleza, ocasionando os sentimentos de preferências. É no momento que os homens começaram a apreciar-se mutuamente que se estabeleceu a ideia de consideração. Aqui, é o *amor-próprio* se instalando entre os homens. Diz Rousseau:

> Cada um começou a olhar os outros e a desejar ser ele próprio olhado, passando assim a estima pública a ter um preço. Aquele que cantava ou dançava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais astuto ou o mais eloquente, passou a ser o mais considerado, e foi esse o primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado, a vaidade e o desprezo, e, de outro, a vergonha e a inveja.[10]

Essa fatal condenação se revela muito mais nociva na época na qual Rousseau se encontra. No *Discurso sobre as ciências e as artes*, resposta elaborada à questão da Academia de Dijon em 1750, se o restabelecimento das ciências e das artes teria contribuído para aprimorar os costumes, Rousseau responde negativamente e defende que as ciências, as artes e as letras contribuem para que os homens concorram entre si.

É dessa "concorrência" que nascem os refinamentos do gosto e da polidez. O homem polido, dotado de vontade de ser notório, apela para a adulação, para cuidados sedutores e traiçoeiros, e com o passar do tempo tem sua alma diminuída e o coração corrompido. O ciúme, a rivalidade e o ódio passam a permear ocultamente sob o véu da polidez as relações humanas, daí se justifica a condenação de Rousseau no *Primeiro Discurso*: "Não mais amizades sinceras e estima real; não mais confiança cimentada. As suspeitas, os receios, os medos, a frieza, a reserva, o ódio, a traição esconder-se-ão todo o tempo sob esse véu uniforme e pérfido da polidez (...)."[11]

As ciências, as artes, o luxo, o comércio e as leis consideradas as obras primas da política pelos homens de letras, bem como as provas concretas da evolução e progressão da

---

[8] ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 260.
[9] SOUZA, *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*, p. 78.
[10] ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 263.
[11] ROUSSEAU, *Discurso sobre as ciências e as artes*, p. 344.

sociedade, aparentam conceder amplos benefícios no que concerne aos laços dos homens ao pôr um dependente do outro mutuamente, criando necessidades recíprocas e interesses comuns, obrigando cada homem a concorrer à felicidade do outro para assim obter a sua.

Rousseau parece lamentar todas as relações humanas, pois apesar da ascensão triunfal das ciências e das artes na época das Luzes, as "disposições do coração" não correspondem mais à "atitude exterior", não há mais sinceridade, não existe mais confiança entre os homens. Segundo Jean Starobinski, o que está em jogo é o destino dos homens:

> O espírito humano triunfa, mas o homem se perdeu. O contraste é violento, pois o que está em jogo não é apenas a noção abstrata do ser e do parecer, mas o destino dos homens, que se divide entre inocência renegada e a perdição doravante certa: o parecer e o mal são uma e mesma coisa.[12]

A história da humanidade que começou como a história da inocência, desenvolve-se como a história da degeneração. Mas será possível um retorno à origem ou mesmo um encontro à redenção? No *Prefácio a Narciso ou O amante de si mesmo*, Rousseau ressalta que uma vez tendo acesso à corrupção, é impossível retornar à virtude. No máximo, podemos conservar os que ainda são virtuosos:

> (...) em primeiro lugar, uma vez que um povo corrupto nunca mais volta à virtude, não se trata mais de tornar bons aqueles que não o são, mas de conservar assim aqueles que têm a felicidade de sê-lo. Em segundo lugar, as mesmas causas que corromperam os povos servem algumas vezes para prevenir uma corrupção ainda maior (...).[13]

Souza observa que ao contrário da concepção grega de história pensada a partir do modelo cósmico, isto é, a história da humanidade movendo-se em linhas circulares que se repetem, exibindo, portanto, um padrão repetitivo, a história em Jean-Jacques Rousseau baseia-se numa trajetória linear, cuja concepção é herdada da tradição cristã, sobretudo com Santo Agostinho na *Cidade de Deus* ao defender a volta de Cristo ressuscitado para acabar com todos os males do mundo:

> Esse caráter da história que se poderia chamar de apocalíptico, que a divide num antes e num depois, um antes de estatuto prospectivo, que consiste numa preparação para o que virá no futuro, e um depois de caráter retrospectivo, dependendo do que se realizar agora, e que é a marca da

[12] STAROBINSKI, *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 12.
[13] ROUSSEAU, *Prefácio a Narciso ou O amante de si mesmo*, p. 426.

> concepção linear moderna da história, parece ser uma herança laicizada do cristianismo.[14]

Porém, como ressalta a autora, a história linear de Rousseau não é a da redenção, mas a história da queda, "é como se ficássemos apenas com os momentos do paraíso e do pecado"[15]. Do lado do paraíso, temos o homem inocente em seu estado de natureza, livre e autossuficiente, cujas necessidades eram atendidas pela natureza. E, do outro lado, o do pecado, temos o homem corrompido e degenerado com suas novas necessidades, novos laços, movidos pela vaidade, pela inveja, pelo ciúme, enfim, pela vontade de ser visto pelo outro. É esse o triste caminho da humanidade que Rousseau prevê em suas obras.

HISTORY IN JEAN-JACQUES ROUSSEAU: THE DECAY OF NO RETURN

Abstract: Since the *Discourse on the Arts and Science*, Rousseau points us to a history of societies when he negatively answers to the Academy of Dijon's question if the reestablishment of sciences and arts would have contributed to the enhancement of moral. In the *Discourse on the Origin and Basis of Inequality Among Men*, the philosopher discusses the history of mankind as a history of decay and degeneration, whereof is impossible to return to the original nature. The corruption in the societies may be retarded but never reversed. In other words, Rousseau presents a linear conception of history, which will be demonstrated in this essay through the interpretation of Maria das Graças de Souza.
Keywords: history – society – decay.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do contrato social; Ensaio sobre a origem das línguas; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens; Discurso sobre as ciências e as artes*. Tradução: Lourdes Santos Machado; introdução e notas de Paulo Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 1ª edição. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SOUZA, Maria das Graças de. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

[14] SOUZA, *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*, p. 70.
[15] SOUZA, *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*, p. 72.